

A RECEPÇÃO MULTIMODAL DO TEXTO LITERÁRIO

THE MULTIMODAL RECEPTION OF THE LITERARY TEXT

Carlos Magno GOMES¹

Resumo: Este artigo propõe algumas reflexões sobre a importância dos multiletramentos e da recepção do texto literário por meio do *livroclip*, uma produção digital, que apresenta uma obra literária. Partimos do conceito de multiletramentos para a ampliação das abordagens sobre o horizonte de expectativa da leitura subjetiva, incluindo a acessibilidade em Libras. No campo teórico, abordamos questões sobre formação do leitor, intertextualidade e cultura digital de acordo com Umberto Eco, Anne Rouxel, Roxane Rojo e Roger Chartier.

Palavras-chave: Multimodalidade. Audiovisual. Intertextualidade.

Abstract: This article proposes some reflections about the importance of the multiliteracies and the reception of the literary text through *Livroclip*, which is a digital construction that presents a literary work. We start from the concept of multiliteracies for the expansion of the horizon of expectation of the subjective reading, including accessibility in Libras. In the theoretical field, we approach issues about reader formation, intertextuality and digital culture according to Umberto Eco, Anne Rouxel, Roxane Rojo and Roger Chartier.

Keywords: Multimodality. Audiovisual. Intertextuality.

¹ Gomes. UFS. E-mail: calmag@bol.com.br. ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0001-9070-9010>.

Introdução

O uso de tecnologias digitais no processo de leitura e interpretação do texto literário nos convida a fazer algumas reflexões sobre os limites e as vantagens dessa prática. Para os teóricos da literatura, o texto literário deve ser o foco da formação do leitor; para os educadores, deve-se cuidar da transformação do leitor diante da cultura digital. Como um exemplo dos críticos literários, Todorov (2009) defende a valorização da literatura no espaço escolar a partir da interpretação do leitor em contato direto com o texto literário. Já Chartier (2002, p. 121), um dos defensores da transformação cultural, ressalta a importância do uso da multiplicidade de linguagens para leitura e divulgação dos textos literários, pois “a era digital é marcada pela reprodutibilidade” e as novas técnicas devem ser incorporadas ao processo de formação do leitor. Além disso, no contexto da cultura digital, os educadores são favoráveis ao uso dos recursos tecnológicos como estímulo à leitura e à busca de novos conhecimentos.

Nos últimos anos, no espaço escolar, temos observado a valorização pedagógica do acesso à multiplicidade de formas textuais, uma vez que a contemporaneidade é marcada por diferentes textualidades e multimodalidades próprias de “linguagens líquidas”, “*networking*”, e “relacionamentos” conforme destaca Roxane Rojo na introdução da obra *Escola conectada* (2013). Essa dinâmica da cultura digital é marcada por formas textuais híbridas, compostas por diferentes linguagens estéticas e digitais como as narrativas audiovisuais, os jogos eletrônicos, as histórias em quadrinhos (HQs), entre outras. Tais textualidades pedem leitores capazes de usar esses novos formatos.

Esse contexto também possibilita a formação do leitor digital, aquele que explora seus conhecimentos tecnológicos para ter acesso a diferentes produtos como jogos pedagógicos, *livroclips*, *podcasts*, *audiobooks*, entre outros. Esse processo de formação do leitor digital também demanda novas práticas de letramentos. Por exigir diversos conhecimentos, estamos abordando os multiletramentos – aqueles usados para acesso e tradução das diferentes linguagens que são necessárias para um processo de comunicação em rede. Os multiletramentos envolvem leitores interativos/colaborativos, capazes de fraturar e transgredir as relações de poder estabelecidas entre os textos digitais que são “híbridos, fronteirizos, mestiços”, tanto de linguagens, como de modos e de mídias, além de culturas (ROJO, 2012, p. 23).

Tal peculiaridade dos multiletramentos requer mudanças em nossas (nós professores??) práticas de leitura, já que passa pela associação e escolha de tecnologias capazes de traduzir com eficiência os sentidos dos diferentes textos que circulam na rede. Para isso, precisamos formar leitores com consciência crítica e autonomia para

navegar pelo repertório de textos digitais à sua disposição. Essa formação passa não só “pelo conhecimento funcional sobre o uso da tecnologia”, mas precede de um leitor capaz criticamente de selecionar e usar as ferramentas adequadas para o processo de aprendizagem (FREITAS, 2010, p. 338). Logo, não basta apenas acessar o texto digital, é necessário ter consciência de tal uso e dos limites dessas práticas.

Levando em conta tal contexto, este artigo articula algumas reflexões acerca dos multiletramentos para destacar o uso do livroclip como um produto digital literário². Além da articulação dos diferentes letramentos, essa estratégia de leitura possibilita o debate sobre o processo de recepção através da herança cultural do leitor, que interpreta os significantes como parte de uma sociedade” e os contextualiza a partir de suas “memórias culturais” (GOMES, 2012, p. 177). No primeiro momento, desenvolveremos posicionamentos favoráveis à cultura digital conforme R. Chartier e R. Rojo; depois, destacaremos o processo de recepção do texto literário por meio da produção do livroclip com acessibilidade para surdos; por fim, abordaremos os conceitos de “leitor colaborativo” e “leitura subjetiva”, propostos por U. Eco e A. Rouxel, respectivamente, para ressaltar o processo de recepção multimodal do texto literário.

O livroclip como produto da cultura digital

A cultura digital é marcada pela não linearidade, que liberta seus usuários da obrigatoriedade de uma única via. Os textos produzidos nesse ambiente virtual propõem a associação de informações de diferentes fontes, a fim de construir o conhecimento a partir de dados da rede, associados por hipertextos disponíveis pela biblioteca virtual de referências e fontes multimodais (FREITAS, 2010). Ao se explorar os hipertextos, abrimos mão do privilégio do impresso e rompemos com a linearidade e a sequência uniforme do livro, dinamizando a interpretação.

Na leitura digital, o processo de associação é dinâmico, pois “o hipertexto e a hiperleitura, que ele permite e produz, transformam as relações possíveis entre as imagens, os sons e os textos associados de maneira não-linear, mediante conexões eletrônicas” (CHARTIER, 2002, p. 108-109). Assim, diante da ampliação dessas conexões, precisamos mover o letramento para os multiletramentos, que está relacionado à sociedade urbana

2 O livroclip é um produto disponível na rede de computadores em diversos formatos. Ele tanto é usado de forma pedagógica, como pode ser explorado de forma comercial, ao divulgar uma obra recém-lançada por uma editora. Como modelo comercial, sugerimos uma visita ao *site* do “[livroclip.com.br](http://www.livroclip.com.br)” que tem como objetivo capacitar professores para uso de livroclips em suas propostas de aulas. Disponível em: <http://www.livroclip.com.br/>. Acesso em: 15 fev. 2017.

- | A recepção multimodal do texto literário

onde há “a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituições dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica” (ROJO, 2012, p. 13).

Ao explorar a cultura digital para a formação do leitor, valorizamos também a aproximação entre o sujeito e o suporte usado. Nesse processo, a identidade do leitor é atravessada pela subjetividade da relação que se estabelece entre o leitor e os textos que ele lê, considerando a maneira como esse leitor se sente representado na obra na medida em que ela fala de sentimentos e valores que ele próprio possui (ROUXEL, 2013, p. 70).

Nesse processo, a seleção dos modos de ler e escrever passa por incorporar diferentes códigos de expressão. Isso é possível porque as práticas de multiletramentos envolvem tanto o contexto da comunicação em rede como a experiência do leitor, visto que, de um lado, temos as “semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais”; por outro, “a pluralidade e a diversidade cultural trazidas pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação” (ROJO, 2013, p. 14).

O processo de comunicação, baseado nos multiletramentos, traz novas possibilidades de tradução de nossos conhecimentos, visto que estamos diante de “práticas linguísticas e sociais de comunicação, e os modos pelos quais os ambientes de comunicação têm se tornado partes essenciais de nosso entendimento cultural do que significa ser letrado” (FREITAS, 2010, p. 338). No caso específico da prática de leitura do texto literário, o leitor assume uma postura participativa quando atualiza uma obra literária por meio de “movimentos cooperativos, conscientes e ativos” (ECO, 2003, p. 36). Tal postura de cooperação do leitor é parte do “jogo literário” que é desenvolvido por meio da “experiência estética” (ROUXEL, 2014, p. 31). Essa experiência incorpora os conhecimentos próprios dos multiletramentos, como veremos nos tópicos seguintes.

A postura participativa também está presente na autonomia do leitor em escolher códigos que traduzam suas interpretações para, posteriormente, organizá-las na produção de uma narrativa digital. Nesse processo de recepção, temos um leitor ativo e participante, capaz de interpretar enunciados e textos “em sua multissemiótica ou em sua multiplicidade de modos de significar” (ROJO, 2013, p. 20). Com essa experiência, o leitor se projeta independente e autônomo ao selecionar recursos e linguagens próprias para suas demandas pessoais. Assim, explorar a iniciativa e a postura colaborativa do leitor enriquece o processo de recepção do texto literário, quando estamos pensando nos multiletramentos.

Portanto, a exploração de um texto literário a partir do letramento digital torna-se uma estratégia eficiente de formação de leitores. O envolvimento do leitor na seleção

de signos, códigos, imagens, músicas, gráficos, entre outros recursos, próprios dos hipertextos, necessários para a montagem da narrativa digital, faz parte da dinâmica de integração e colaboração entre os usuários digitais (FREITAS, 2010). Tal processo colaborativo é indispensável para uma prática de leitura que explore os recursos digitais para propor novos sentidos literários.

Uma das atividades que envolve o processo colaborativo é a produção de recepção visual do texto literário. Como modelo desse tipo de produção, destacamos o livroclip, um texto híbrido, editado tanto com imagens como vídeos que recontam uma narrativa escrita. Esse produto tanto pode se aproximar de um vídeo pedagógico, como pode trazer a linguagem fragmentada dos videoclipes. Tradicionalmente, o livroclip é uma divulgação ou uma adaptação de uma obra literária para fins editoriais ou pedagógicos. Ele é construído de forma híbrida com citações do texto literário, com trechos de filmes, com imagens, com fotos e com músicas que ampliam os sentidos do texto.

A produção desse vídeo pode ser feita com um celular digital. Conectado à rede, esse aparelho tanto serve para consultas e seleção de material digital como também pode ser utilizado na edição de pequenos vídeos, pois tem dupla função: ser um meio de comunicação e um “suporte para mídias e meios de comunicação” (BARRAL, 2012, p. 97). Com aplicativos de formatação de vídeos, como Quik e VivaVideo, o celular edita e disponibiliza a produção visual na rede. No computador, o PowerPoint é um programa que pode ser usado para editar imagens e vídeos. Em trabalhos de edição mais complexos, os *softwares* profissionais são os mais indicados por terem mais funções e recursos que melhoram a qualidade do produto final.

Pedagogicamente, para iniciar o trabalho de tradução do texto literário por meio de um texto multimodal, o leitor precisa ter vídeos, fotos, *slides* e músicas armazenadas para a construção de um vídeo. Assim, para produção de um livroclip, devemos passar por duas fases técnicas: a seleção de imagens e/ou gravação do vídeo no celular ou no computador; e a edição e a montagem do vídeo, incluindo a edição de legendas, títulos, animação, trilha sonora. Após a finalização do vídeo, o leitor pode disponibilizar seu produto na rede social.

Esse processo de recepção de um texto literário deve ser guiado pelas especificidades da linguagem audiovisual, que é sintética e combina imagens, sons e efeitos visuais. Nessa prática, devemos explorar de forma concisa o texto escrito, pois o mais interessante são as sobreposições e interligações de imagens que exigem um leitor capaz de fazer associações. Com tais peculiaridades, o celular adequa-se ao processo de produção desse vídeo, pois se trata de “um suporte que está programado para receber

- | A recepção multimodal do texto literário

diferentes mídias (vídeo, fotografias, gravações de áudio) como também permite o acesso a outros meios de comunicação (rádio, televisão, internet, etc.)” (BARRAL, 2012, p. 98).

Por ser simples e poder ser produzido no cotidiano do leitor digital, o livroclip torna-se uma opção de produto multimodal. Ele traz a referência explícita à obra lida e é um “gênero textual elaborado com recursos da tecnologia digital e que apresenta caráter marcadamente intertextual, já que todo e qualquer livroclip está vinculado a uma determinada obra, seja ela literária ou científica” (DINIZ; GRANDE, 2013, p. 149). O caráter intertextual da recepção do texto literário é fundamental na construção de um livroclip crítico, pois os elementos do texto escrito devem ser retomados de forma criativa pela linguagem audiovisual.

Nessa prática, precisamos trazer o repertório digital do leitor para o espaço da interpretação, seguindo as pistas do texto para formular uma conjectura própria de sentidos para esse sujeito (ECO, 2011). Assim, no processo de recriação audiovisual, o texto literário pode ser usado por sua capacidade de sentidos plurais e de empatia com o leitor, visto que ele fala por diferentes “eus”, provocando compaixão: “me fala de mim e dos outros e quando leio eu me identifico com os outros e sou afetado por seu destino; suas felicidades e seus sofrimentos são momentaneamente os meus” (COMPAGNON, 2009, p. 47).

No contexto escolar digital, a relação intertextual do texto literário com outras artes possibilita diversos processos de recriação do universo ficcional. Por essa perspectiva, o livroclip pode ser visto como uma estratégia de produção multimodal da interpretação literária, promovendo a negociação entre o imaginário do texto literário e os diversos hipertextos disponíveis na rede. Logo, o uso de linguagens híbridas pede um processo de recepção ativa para além da série literária.

Nesse caso, devemos levar em conta que a narrativa audiovisual tem relação de complementaridade com a obra interpretada, trazendo indícios da memória literária do leitor digital. Essa recordação do texto literário pode até ser disfarçada por meio da proposta visual, mas ela estará sempre presente no texto digital, visto que o livroclip traz os indícios da obra original como o título, autor e contexto histórico. No processo de construção dessa segunda obra, uma das estratégias indispensáveis é a manutenção da memória da obra original, visto que a “originalidade artística reside” na valorização da memória dos textos literários (SAMOYAULT, 2008, p. 75-78).

Dentro da perspectiva multimodal, o livroclip pode ser usado como uma estratégia de formação de leitores, visto que “é inegável que esse novo gênero textual é e pode vir a ser cada vez mais um auxiliar na difusão e no estímulo à leitura” (DINIZ; GRANDE, 2013, p. 165). Portanto, estamos pensando em processos multimodais de leitura e de recepção

do texto literário, que dinamizem as práticas de leitura literária no espaço da escola. Nesse processo de produção digital, o leitor tende a sintetizar as ideias do texto lido por meio da “contiguidade, da justaposição de imagens, por algum critério de analogia, de associação por semelhança ou oposição, gerando um novo significado” (GOMES, 2008, p. 483).

Metodologicamente, a produção do livroclip é composta por planejamento, pesquisa e edição do vídeo. No primeiro momento, elaboramos um roteiro adaptado do texto literário e selecionamos as principais cenas que serão reconstruídas no vídeo; no seguinte, selecionamos imagens e recursos digitais que traduzam os sentidos do texto original; no terceiro, preparamos *slides*, intercalando diferentes linguagens verbais e visuais, ressaltando pequenos trechos da obra em destaque; no quarto, foram montados pequenos vídeos que apresentam a equipe e narram os trechos editados nos *slides*; e, por último, editamos o vídeo final que intercala trechos gravados, imagens selecionadas e, quando for o caso, vídeos produzidos para este fim.

Dessa forma, a produção de vídeos interpretativos de obras literárias passa tanto pela identificação dos elementos da narrativa, como pela seleção das linguagens disponíveis na rede. Tal processo passa pela tradução do texto literário por meio de linguagens fronteiriças que se mantenham coerentes com a obra divulgada. Logo, o leitor tem papel fundamental de aproximar duas técnicas de contar uma história: com o texto escrito e com as imagens e vídeos capazes de traduzir o enredo.

Como modelo de livroclip disponível na rede, destacamos a fórmula proposta para o vídeo “A cartomante”, que apresenta o conto de Machado de Assis, ressaltando o enredo e convidando o espectador a ler o conto³. Nesse formato, o livroclip é bem didático e brinca com as ações centrais dessa narrativa com o objetivo de divulgar o conflito principal, sem explicitar os detalhes, aguçando a curiosidade de espectador. Quando o objetivo é apresentar uma obra, o livroclip pode ser usado como “estratégia pedagógica para incentivar a leitura de obras” (DINIZ; GRANDE, 2013, p. 149).

Na produção de um livroclip, há dois planos de interpretação a serem explorados: o do livro lido, seu contexto histórico, as especificidades da narrativa, como gênero, classe, moda etc., e a da recepção atual, concretizada pela exploração de linguagens híbridas próprias da agilidade do videoclípe. A dinamicidade desse tipo de vídeo é fundamental para conquistar o leitor digital.

3 O vídeo está disponível no endereço: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/objetos_de_aprendizagem/PORTUGUES/a_cartomante.swf. Acesso em: 15 fev. 2017.

- | A recepção multimodal do texto literário

Esse modelo explora a intuição do leitor por meio da linguagem digital que valoriza a afetividade e a subjetividade do receptor por meio das diferentes linguagens que se intercalam para divulgar a obra de Machado de Assis. Luiz Fernando Gomes (2008, p. 483) destaca a importância da especificidade dessa linguagem, visto que “a organização da narrativa audiovisual é mais intuitiva e conectiva; imagens, palavras e música vão se agrupando segundo critérios menos rígidos, mais livres e subjetivos dos produtores”. Portanto, o livroclip não tem uma preocupação com a estética original, já que sua produção é articulada a partir das fronteiras intersemióticas, ressaltando muito menos o enredo tradicional para abrir espaço à dinâmica audiovisual.

Finalizando esse tópico, destacamos as complementações que deve haver entre o texto original e o livroclip, reforçando o compromisso de liberdade de recepção do texto literário, todavia sem perder o elo com a obra que está sendo divulgada. Assim, ao nos apropriar da linguagem audiovisual, por meio de aparelhos digitais, atualizamos o processo de recepção dos textos literários, ampliando os usos de diferentes gêneros multimodais para a concretização da interpretação textual.

Na sequência, aprofundamos o debate em torno da recepção digital como método de leitura literária dinâmica e contemporânea, destacando a importância da acessibilidade para surdos com o uso de Libras.

A recepção literária multimodal com acessibilidade

O processo de reconstrução do texto literário por meio da linguagem digital pode ser visto como parte dos estudos das intertextualidades, já que escrever é sempre reescrever. A citação de um texto literário une o ato de ler ao de escrever. “Ler ou escrever é realizar um ato de citação. A citação representa a prática primeira do texto, o fundamento da leitura e da escrita” (COMPAGNON, 2009, p. 41). Nesse processo, a alusão depende mais do efeito da leitura do que as outras práticas intertextuais: “tanto pode não ser lida como também pode o ser onde não existe. A percepção da alusão é frequentemente subjetiva e seu desvendamento raramente necessário para a compreensão do texto” (SAMOYAULT, 2008, p. 50-51).

Em tal prática, a criatividade do leitor é indispensável, pois estamos explorando o conceito de “leitura subjetiva” como uma proposta adequada para uma prática de recepção audiovisual do texto literário. Essa subjetividade faz parte da competência estética do leitor, ou seja, “sua aptidão para reagir ao texto, para estar atento às repercussões que a obra suscita nele mesmo e a exprimi-los” (ROUXEL, 2014, p. 25). Em tal modalidade de leitura, a experiência estética repousa no uso particular da linguagem estética reverberada pela criatividade e pela associação de imagens.

Nesse caso, a formação do leitor digital passa pelo domínio de multiletramentos que fazem parte dos novos espaços para o texto literário, traduzidos por diferentes semióticas próprias desse contexto. Roger Chartier ressalta a transfiguração desse leitor da sociedade midiática, reconhecendo a leitura como um espaço em que o sentido plural, móvel e instável de qualquer texto adquire sua significação. Tal transfiguração faz parte da “consequência inelutável da civilização da tela, do triunfo das imagens e da comunicação eletrônica” (CHARTIER, 2002, p. 105).

No espaço da civilização da tela, pensamos em uma didática da literatura preocupada com a formação do leitor capaz de romper com a comunidade de sentidos impostos a um texto para ampliar esse horizonte interpretativo por meio das diferentes linguagens que circulam em volta desse texto e do leitor atual. Isso é possível a partir da ampliação do horizonte de expectativa do leitor digital.

Essa dinâmica de formação envolve tanto o conhecimento digital como também noções de literatura. Essa dupla formação, literária e digital, não precisa ser concomitante, nem obrigatória, o importante é ser trabalhada ao longo do processo de formação desse leitor. Tal processo é atravessado pela subjetividade do ato de ler, já que “é sobre a emoção e a inteligência que se constroem a relação estética e literatura. Pela leitura sensível da literatura, o sujeito leitor se constrói e constrói sua humanidade” (ROUXEL, 2013, p. 32). Nessa trajetória, a tradução de um texto literário para diferentes linguagens digitais passa pela necessidade de dar autonomia ao leitor, isto é, aceitá-lo como um colaborador, pois poderá apresentar a obra lida, segundo a tradução das imagens coletadas na rede para construção do livroclip.

Ao propor uma metodologia que explora a recriação do texto literário por meio de um produto audiovisual, estamos rompendo com a noção de intertextualidade e suas relações com fontes e influências, pois substituímos a série escrita pela série audiovisual com suas fronteiras hipertextuais. Com isso, expandimos o estudo da intertextualidade para a relação entre o texto escrito e as linguagens digitais. Esse tipo de abordagem reconhece que a retomada de um texto já existente pode ser “aleatória ou consentida, uma vaga lembrança, ou mesmo homenagem explícita, ou, ainda, submissão a um modelo, subversão do cânone ou inspiração voluntária” (SAMOYAULT, 2008, p. 10). Assim, a criatividade e a subjetividade devem estar em jogo no processo de formação do leitor literário em contexto digital.

Cabe destacar que, nos espaços de aprendizagem, o texto escrito vem assumindo outras características e funções e devemos estar preparados para acompanhar essas transformações, propondo atualizações de nossas práticas de ensino de leitura a partir

- | A recepção multimodal do texto literário

dos multiletramentos. Isso porque passamos por uma redefinição da materialidade das obras, quando pensamos na facilidade que os suportes digitais imprimem à prática de leitura, oportunizando um processo de recepção ativa, “porque proporciona ao leitor e, não mais ao autor ou ao editor, o domínio da composição, o recorte e a própria aparência das unidades textuais que ele deseja ler” (CHARTIER, 2002, p. 113-114).

A tradução da linguagem literária para a digital passa pela recriação dos sentidos do texto por meio de narrativas digitais. Nesse caso, o processo de recepção é instigante e envolvente para o leitor que propõe reconstruir os sentidos de um texto literário por meio da linguagem multimodal. A participação colaborativa desse leitor é fundamental, pois “a leitura literária embasada na experiência estética permite que os alunos se apropriem do texto, criando, de algum modo, a sua própria obra literária” (ROUXEL, 2014, p. 33). Nesse processo, o leitor também passa por trocas de experiências culturais que são fundamentais para a construção de sua identidade, pois ele parte de um texto escrito para adaptá-lo ao formato digital.

Destacamos a importância de uma interpretação literária crítica que valorize o lugar de fala de quem está recepcionando o texto literário. Por isso, em muitos casos, o processo de recepção pode ser ampliado pelo questionamento das representações hegemônicas, abrindo espaço para adaptações com novos sujeitos sociais, visto que estamos preocupados em incluir a alteridade como parte do processo de recepção (GOMES, 2011). Portanto, a premissa de adaptação dos textos literários, por meio dos multiletramentos, passa pela revisão do lugar de fala dos leitores como no exemplo da recepção da fábula de Esopo pela cultura surda.



Imagem 1. Tela inicial do livroclip “A tartaruga surda e o coelho”

Fonte: Arquivos do autor

Essa adaptação faz parte de um projeto de recepção de textos literários por meio de leituras visuais, levando em conta, sobretudo, a acessibilidade de surdos. Assim, além de traduzir o texto literário por meio de um projeto visual: imagens e vídeos, também incorporamos aspectos culturais da identidade surda ao novo texto. Como exemplo, adaptamos “A lebre e a tartaruga”, de Esopo, para uma versão que contextualizasse a comunicação em Libras: “A tartaruga surda e o coelho”⁴. Nessa proposta interpretativa, a tartaruga é surda e usa Libras para se comunicar, enquanto o coelho só pensa em si e em sua superioridade de locomoção. Todavia, no trajeto da corrida, o coelho não aceita ajuda dos animais da floresta, que avisam que há um buraco no caminho. Sem se desviar, o coelho cai e fica preso, enquanto a tartaruga chega ao final do seu trajeto, vencendo a corrida por ter sido paciente e usado Libras para se comunicar.

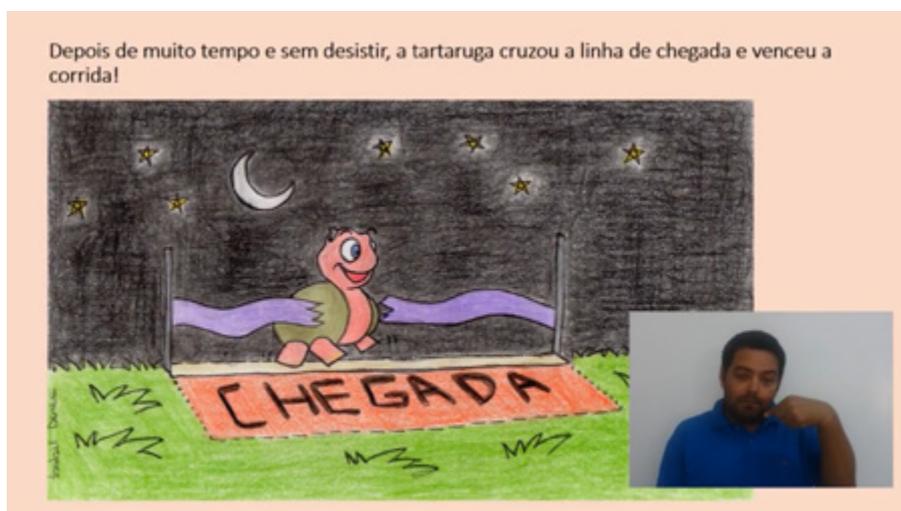


Imagem 2. Tela final de “A tartaruga surda e o coelho”

Fonte: Arquivos do autor

A produção do livroclip “A tartaruga surda e o coelho” reconhece o leitor como sujeito crítico e atuante no processo de interpretação textual, que inclui ludicidade, criatividade e a janela com o intérprete usando Libras. Nesse sentido, articulamos a valorização do texto digital híbrido, aquele que é composto por imagens, textos, trilha sonora, fotos, legendas etc. para nos aproximarmos do imaginário da cultura surda. Com isso, pensamos em quebrar a rotina do uso do texto literário como pretexto para atividades objetivas e passamos a valorizar o leitor como um sujeito atuante e capaz não

⁴ Esse projeto foi desenvolvido durante as aulas de literatura surda do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe em 2017. Participaram da leitura e adaptação da fábula de Esopo os graduandos: Maria Isabel Dórea Santos, ouvinte, e José Emerson dos Santos, surdo.

só de entender o texto literário, mas também de adaptá-lo para sua realidade a partir de sua memória e subjetividade.

Ao adaptarmos os clássicos para uma linguagem visual e com acessibilidade aos surdos, o leitor é visto como um colaborador do processo interpretativo, pois ele se apropria e reconfigura o texto literário conforme suas memórias, “completando-o com elementos oriundos de sua história pessoal e de sua cultura ou, inversamente, deixando-lhe lacunas, apagando tal aspecto que não atraiu muito a sua atenção” (ROUXEL, 2014, p. 23). O engajamento desse leitor é fundamental para a interpretação do texto, que é uma unidade linguística incompleta, necessitando de um colaborador, que articule as partes semânticas e formais no processo de leitura, “visto que o leitor crítico é um coautor, um invasor com sua imaginação e experiência” (GOMES, 2012, p. 174).

No caso do livroclip “A tartaruga surda e o coelho”, foram articulados tanto o lugar de fala do surdo como diversas linguagens disponíveis na rede: desenho, fotos, *slides*, gravação de vídeos, edição de imagens e vídeos. Esse processo de leitura é colaborativo e demanda um leitor preocupado em complementar os sentidos da obra original por meio sua subjetividade. Assim, por sua incompletude, o texto literário pode ser traduzido por meio de “movimentos cooperativos, conscientes e ativos da parte do leitor” (ECO, 2011, p. 36). Para se adequar a diferentes contextos digitais, ressaltamos o processo de leitura subjetiva e a capacidade estética do leitor para recriar a atmosfera artística do texto lido por meio de uma narrativa audiovisual. Esse letramento digital também passa pelo letramento literário, por isso não se trata de uma experiência de total liberdade de criatividade. Ela sugere um processo de complementariedade e de respeito ao traçado do texto escrito, já que o leitor literário, conforme Umberto Eco (2011, p. 39), deve ser “capaz de cooperar para a atualização textual”, movimentando-se pelos sentidos propostos pelo autor.

Assim, o letramento digital é fundamental para a ampliação do horizonte de expectativa dos textos literários, visto que o gênero digital amplia a possibilidade de aquisição de novos sentidos a partir da contextualização pela nova linguagem. Com o uso dos diversos letramentos, o processo de recepção de uma obra se atualiza por meio das trocas de aprendizagens que acontecem nas atividades próprias da cultura digital, uma vez que alguns suportes e *softwares* “são capazes de recriar objetos a serem apreendidos fora do espaço escolar, virtualizando o real por meio de aplicativos computacionais com ganhos notáveis para todos os participantes do processo educacional” (XAVIER, 2013, p. 46-47).

O leitor digital é aquele que tem mais habilidade com o texto digital do que com o texto escrito, pois é um leitor empírico, com as mais variadas identidades conforme seu

envolvimento com a tecnologia. Nas experiências literárias, esse sujeito deve atualizar os sentidos da obra propostos pelo autor de acordo com sua realidade. Para tanto, ele deve ter uma “postura implicada”, isto é, ser um sujeito “engajado” com o texto (ROUXEL, 2013, p. 19). Tudo isso é possível pela identificação do leitor com o texto lido e pela provocação que o texto causa nesse sujeito leitor. Vale lembrar que um dos objetivos da literatura é proporcionar o prazer e a emoção pelo texto lido, pois “desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais do que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia” (COMPAGNON, 2009, p. 50).

Assim, quando trazemos a linguagem digital como uma possibilidade de tradução do texto literário, fortalecemos o uso da criatividade do leitor, provocada pelo uso da multimodalidade e pela abertura para novos gêneros textuais como motivadores desse leitor.

Considerações finais

Com a proposta de produção de livroclip, sejam os tradicionais, sejam as adaptações para cultura surda, reconhecemos a importância do letramento digital como parte dos multiletramentos que devem fazer parte do contexto escolar. Esse tipo de recepção expõe a sensibilidade dos leitores digitais diante de obras difundidas pela história da literatura e amplia a capacidade de divulgação desses textos quando contados em Libras. Nesse processo, o compartilhamento de interpretações visuais e audiovisuais amplia as possibilidades de leitura dos clássicos, visto que alguns dispositivos digitais “são capazes de recriar objetos a serem apreendidos fora do espaço escolar, virtualizando o real por meio de aplicativos computacionais com ganhos notáveis para todos os participantes do processo educacional” (XAVIER, 2013, p. 46-47).

Em tempos de comunicação móvel, o uso das linguagens digitais para a recepção do texto literário torna-se parte de nossas preocupações educacionais para a formação de novos leitores literários ouvintes e surdos. Tal contexto de aprendizagem é ampliado pelas novas possibilidades de interpretação de obras literárias por meio dos suportes e tecnologias disponíveis. Essa dinâmica passa pela renovação das práticas de recepção do texto literário que devem ser pautadas pelos multiletramentos, que também são letramentos culturais, próprios de uma sociedade participativa e colaborativa.

Assim, a cultura digital pode ser usada como uma aliada na formação de leitores e na inclusão dos surdos, pois explora diversas linguagens artísticas, tecnológicas que privilegiam a acessibilidade de novos leitores. Esse processo de transformação do leitor literário convida-nos a uma “aventura interpretativa com seus riscos, reforçando suas

- | A recepção multimodal do texto literário

competências pela aquisição de saberes e de técnicas” (ROUXEL, 2013, p. 20). Com isso, defendemos o processo de recepção literária lúdica e dinâmica, reconhecendo a importância da inclusão do texto eletrônico no espaço escolar, pois vivemos um contexto revolucionário da técnica de produção dos textos, do suporte do escrito e das práticas de leitura (CHARTIER, 2002).

Referências

BARRAL, G. Liga esse celular: pesquisa e produção audiovisual em sala de aula. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana, v. 12, p. 94-117, 2012.

CHARTIER, R. Morte ou transfiguração do leitor. *In*: CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. Tradução Fulvia M. F. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 101-123.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Tradução Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DINIZ, I.; GRANDE, K. Livroclip da obra Dom Casmurro, de Machado de Assis: literatura, semiótica e hipermídia. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 147-166, 2013.

ECO, U. **Lector in fabula**. 2. ed. Tradução Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ECO, U. Ironia intertextual e níveis de leitura. *In*: ECO, U. **Sobre a Literatura**. 2. ed. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 199-218.

FREITAS, M. T. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 3, p. 335-352, 2010.

GOMES, C. M. O modelo cultural de leitura. **Revista Nonada**, v. 1, n. 18, p. 167-183, 2012.

GOMES, C. M. Leitura e Estudos Culturais. **Revista de Literatura Comparada**, Curitiba, ABRALIC, v. 16, p. 25-44, 2010.

GOMES, L. F. Vídeos didáticos: uma proposta de critérios para análise. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 86, p. 477-492, 2008.

ROUXEL, A. Ensino da literatura: experiência estética e formação do leitor. *In*: ALVES, J. H. P. (org.). **Memórias da Borborema 4**: Discutindo a literatura e seu ensino. Campina Grande: Abralic, 2014. p. 19-35.

ROUXEL, A. Aspectos metodológicos do ensino de literatura. *In*: DALVI, M. *et al.* (org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 17-33.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. *In*: ROJO, R.; MOURA, E. (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-32.

ROJO, R. A teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos. *In*: ROJO, R. (org.). **Escola Conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013. p. 13-36.

SAMOYAUULT, T. **A intertextualidade**: memória da literatura. Tradução Sandra Nitri. São Paulo: Hucitec, 2008.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

XAVIER, A. C. Educação, tecnologia e inovação: o desafio da aprendizagem hipertextualizada na escola contemporânea. **Revista Con(textos) Linguísticos**, Feira de Santa: UEFS, p. 42-62, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/6004>. Acesso em: 10 fev. 2017.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: GOMES, Carlos Magno. A recepção multimodal do texto literário. **Revista do GEL**, v. 16, n. 2, p. 80-94, 2019. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v16i2.1845>

Submetido em: 19/06/2017 | Aceito em: 05/11/2019.
